

## Informe Trimestral - Setembro 2025

### ALOCAÇÃO

Segmento	Retorno no ano	Percentual do CDI
Renda Fixa	9,41%	90,91%
Renda Variável	25,57%	247,02%
Multimercados	11,89%	114,87%
Investimento no Exterior	9,96%	96,22%
Fundos em Participações	6,89%	66,56%
Imobiliários	11,74%	113,42%
<b>Cota BASF</b>	<b>9,90%</b>	<b>95,67%</b>

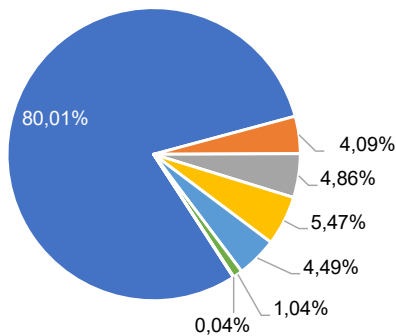
### INDICADORES

Indicadores	Até Set/2025	Perspectiva 2025*
SELIC	15,00%	15,00%
IPCA	3,64%	4,81%
Dólar	R\$ 5,32	R\$ 5,48

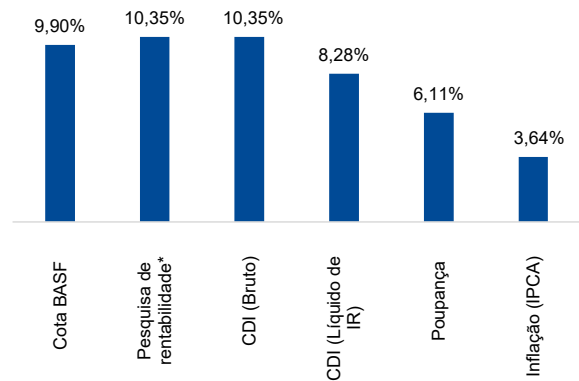
\*Fonte: Relatório Focus, BACEN, base 26/09/2025.

### Composição Patrimonial R\$ 2,302 Bi.

- Renda Fixa
- Renda Variável
- Multimercados
- Exterior
- FIP
- Imobiliários
- Outros



### Retorno Acumulado em 2025



\* Pesquisa realizada por uma consultoria com outras Entidades Fechadas de Previdência Complementar, demonstrando a mediana das fundações no período.

### COMENTÁRIO

Em 2025, o Brasil vive uma reversão do pessimismo que marcou o fim de 2024. Apesar disso, o principal fator que ainda influencia o apetite dos investidores por risco continua sendo os Estados Unidos, especialmente suas políticas internas e externas. A nova política econômica de Donald Trump ainda gera incertezas, o que levou o mercado a buscar diversificação em outras economias, tanto desenvolvidas quanto emergentes.

Como resultado dessa migração de investimentos dos EUA para outros países, o dólar caiu 10% até setembro — a maior queda desde 1985, quando foi firmado o Acordo de Plaza\*. Com dados mais fracos de geração de empregos e preocupações com o impacto das tarifas na inflação, o Federal Reserve (Banco Central dos EUA) fez seu primeiro corte na taxa de juros em 2025, reduzindo-a para a faixa de 4,00% a 4,25%, com expectativa de novos cortes. Essa redução pode continuar incentivando os investidores a buscar ativos de maior risco.

De forma geral, os mercados globais têm mostrado desempenho positivo, com projeções de crescimento sendo revisadas para cima, o que indica resiliência diante dos choques tarifários. A Zona do Euro se destaca, com inflação próxima da meta de 2%, e o Banco Central Europeu (BCE) sinalizou que manterá os juros estáveis, adotando uma postura cautelosa e baseada em dados.

No Brasil, mudanças importantes estão ocorrendo nas áreas econômica e política. A política monetária mais rígida começa a surtir efeito, com inflação mais controlada e sinais de que o ciclo de juros altos, atualmente em 15% ao ano, está terminando. No entanto, o Comitê de Política Monetária (COPOM) indicou que pretende manter os juros nesse patamar por mais tempo, e ainda não está claro quando os cortes começarão.

Outro ponto relevante são as discussões sobre as eleições de 2026. A aprovação do governo subiu de 24% no início do ano para 33% em setembro, segundo o Datafolha. Essa melhora é atribuída à queda nos preços dos alimentos, ao discurso em defesa da soberania nacional, às propostas de justiça tributária e aos erros da oposição. Para o ano eleitoral, espera-se a ampliação de programas sociais, o que pode aumentar a popularidade do governo, especialmente em um cenário de queda de juros. Ainda assim, a aprovação atual não é suficiente para garantir favoritismo claro ao presidente.

O último trimestre do ano costuma ser mais desafiador para ativos de risco, com maior volatilidade e menor liquidez. Apesar do cenário externo favorável — com queda do dólar e redirecionamento de capital para outras economias —, o contexto interno exige cautela, com atenção especial à política monetária e às movimentações eleitorais.

\*1 - O objetivo principal do acordo era desvalorizar o dólar americano, que estava muito forte e prejudicando as exportações dos EUA. Para isso, os países envolvidos concordaram em intervir conjuntamente nos mercados cambiais, vendendo dólares e comprando suas próprias moedas.